

# Métodos de longa duração

A diretora executiva do Fundo de População das Nações Unidas, Natalia Kanem, comenta que, apesar da disponibilidade de métodos contraceptivos e da existência de mecanismos de informação e de orientação sexual na escola, em serviços públicos de saúde e outros espaços de promoção da saúde sexual e reprodutiva, a gravidez na adolescência é resultado da não prevenção ou de uma prevenção inadequada nessa idade.

Quando se fala em prevenção não adequada, o médico hebiatra Benito Lourenço chama atenção para os dados de eficácia da pílula e da camisinha. Nos estudos que consideram o uso perfeito, ou seja, sem esquecimento, mudanças no horário de ingestão da pílula, interações medicamentosas e com a colocação e uso da camisinha sem erros, a taxa de falha é de apenas 0,3% ao ano.

Porém, quando considerado o uso real da pílula, que é o mais comum na prática, essa taxa pode chegar a 9% ao ano. A camisinha de uso externo, também chamada de masculina, apresenta de 3% a 14% de falha, enquanto a de uso interno, tem de 5% a 21%. Embora sejam essenciais na proteção contra ISTs, não são os métodos mais eficazes quando se fala em contracepção.

A partir desses dados, os profissionais de saúde da área enxergam os métodos de longa duração como as opções mais seguras para os adolescentes. Chamados de Larcs, do nome em inglês Long-Acting Reversible Contraception, eles são os dispositivos intrauterinos, hormonais ou não, e os implantes subdérmicos.

O DIU hormonal, por exemplo, tem uma chance de falha de 0,2% ao ano e o implante, de 0,05%, segundo dados da Febrasgo. O DIU de cobre tem 0,6% de falha. Quando usados combinados com as camisinhas, se tornam ainda mais eficazes.

A ginecologista Bruna Pitaluga ressalta a importância de entender que não existe nenhum método 100% seguro, nem mesmo cirurgias como a laqueadura e a vasectomia.



## CONTRACEPÇÃO

Confira alguns resultados da pesquisa da Bayer em parceria com a Febrasgo, conduzida pelo IPEC, que entrevistou mil mulheres

- **68%** das mulheres iniciaram a vida sexual até os 18 anos.
- **66%** não tiveram consulta com ginecologista antes de ter a primeira relação.
- **29%** não sabiam que deveriam passar por uma consulta ginecológica antes de iniciar a vida sexual.
- **27%** não procuraram um ginecologista porque tiveram vergonha.
- **53%** das entrevistadas aprenderam sobre contracepção com um profissional de saúde.
- **27%** aprenderam sobre o tema na escola.
- **23%** das mulheres usam contraceptivo por conta própria, sem a adequada prescrição médica.

Fonte: pesquisa Bayer



Mas que métodos combinados e de longa duração têm se mostrado os mais eficazes, principalmente entre os mais jovens.

“Se a jovem usa um método de longa duração reversível, o risco de falha é menor que 1% e ela não precisa se preocupar. O funcionamento ideal não depende de ela lembrar de tomar ou de saber colocar corretamente um preservativo, por exemplo”, explica.

Bruna acrescenta que é necessário apresentar as opções para os jovens, aprofundando o diálogo. Cada mulher reage de uma forma diferente a cada método, daí a importância de um acompanhamento médico e de uma escolha feita a partir do que

é melhor e mais conveniente para aquela paciente em questão.

Bruna e Benito citam um projeto chamado Choice, realizado nos Estados Unidos e nos quais mulheres entre 17 e 25 foram apresentadas a todas as informações disponíveis sobre cada método. Vantagens, eficácia, efeitos colaterais, forma correta de uso, e puderam tomar uma decisão sem levar em consideração os custos ou acesso: eles seriam fornecidos pelo estudo. Ficou comprovado, a partir desse experimento, que quando a mulher recebe a informação adequada, ela é capaz de escolher o contraceptivo mais indicado para ela.